

Editorial

DOI: 10.59306/memorare.v10e120231-3

Para Bachelard, a criança, sonhadora e livre, exercita, com a capacidade de maravilhamento, a possibilidade de aprender e se transformar. O filósofo diz que nos comunicamos através da nossa infância: imagens de memória, nostalgia e a potência da imaginação. A infância é um período de grande potencial criativo e transformador. A criança, por ser sonhadora e livre, está aberta a novas experiências e possibilidades. Ela é capaz de se encantar com o mundo ao seu redor.

Essa capacidade é essencial para o seu processo de aprendizagem. Quando ela se maravilha com algo, ela está despertando sua curiosidade e sua imaginação. Isso a leva a investigar o mundo ao seu redor e, ao explorá-lo, constrói sentido. As imagens, memórias e nostalgias da (e na) infância nos ajudam a entender quem somos e o que queremos. Elas também nos servem de inspiração a todo nosso devir.

A infância nos permite ser e criar. É na simplicidade que se realiza a alquimia da vida, tão explorada por Bachelard: *fax fixum volatile*: fazer fixo o volátil e, ainda, volatilizar o fixo. A criança, talvez, em sua liberdade, consegue experimentar (e nos ensinar) sobre as permanências e as efemeridades.

Esse dossiê está sendo proposto para valorizar narrativas e imagens forjadas pela ou na infância, em uma fértil aproximação entre os Programas de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem e Educação da Unisul. Buscamos incentivar discussões sobre a relação entre imaginário social, as imagens por ele produzidas, significadas e ressignificadas, que constroem narrativas e dão sentido à existência em experiências de múltiplas potencialidades: educação, comunicação, artes, linguagem, psicologia entre tantas outras possibilidades.

Na visão durandiana (2012), o imaginário social é "um sistema de imagens que, por meio de suas relações, estruturam o universo simbólico de uma sociedade" sendo essencial para a compreensão da cultura e da sociedade. As imagens produzidas pelo imaginário social são essenciais para a construção de narrativas e para a atribuição de sentido à existência. Elas nos ajudam a entender o mundo ao nosso redor e a nos posicionarmos nele. As experiências de múltiplas potencialidades são espaços privilegiados para a produção, significação e ressignificação de imagens do imaginário social.

Os textos apresentados nesse dossiê nos permitem explorar as relações entre imaginário social, imagens, narrativas e experiências e nos instigam a pensar possibilidades de olhares sobre as mais diversas áreas acadêmicas.

No texto *Infâncias, consumo e percepção: canais infantis do YouTube e a publicidade velada*, as autoras Angélica Gouveia Brito, Clara Letícia de Araújo Dantas e Eunice Simões Lins, através da relação existente entre infância, consumo midiático e percepção, analisam um canal infantil com foco nas relações do sensível com o mundo em seus primeiros anos de vida.

Juliana Tonin e Anderson dos Santos Machado nos brindam com um levantamento sobre a produção de conhecimento sobre a infância no

campo acadêmico científico da Comunicação. *Infância na pesquisa em comunicação no Brasil: teses e dissertações de 1970 a 2020* nos apresenta o cenário das pesquisas em 50 anos e nos provoca a pensar sobre o olhar que dedicamos à infância.

Através da Teoria Dialógica do Discurso, Priscila Sandra Ramos de Lima e Dannytza Serra Gomes nos apresentam narrativas acerca de memórias de leitura da infância, materializadas em memoriais de formação, no artigo *Memórias de leitura da infância: narrativas de vida de alunas do Curso de Letras da UFC*. O texto nos permite acenar que a leitura na infância pode permear e fortalecer as relações afetivas, proporcionar um efeito reparador em momentos de dor e sofrimento, além de ser capaz de transformar toda uma história de vida.

A valorização da estética de cabelos crespos em crianças negras como potência da corporeidade negra é discutida no texto *Infância e Interseccionalidade: Crianças Negras e Cabelos Crespos*, apresentado por Maylla Monnik Rodrigues de Sousa Chaveiro. Através da análise de dois audiovisuais, traz reflexões sobre a responsabilidade social de pessoas adultas em relação à construção de identidades étnico-raciais em crianças.

Vanessa Weber Sebastiany traz a perspectiva bachelardiana de um viés imagético alinhado com a perspectiva junguiana da individuação para refletir sobre a simbologia da bolsa na personagem de um conto. A bolsa que carrega um mundo: a imagem da bagagem em *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga, permite a reflexão sobre a transição entre a infância incompreendida e pouco valorizada pelos adultos e a adolescência levam a personagem a aprender a lidar com suas emoções e reações diante dos acontecimentos externos que a afetam internamente.

Em *O imaginário como mobilizador da ética da estética da/na infância: o papel do brincar e do faz-de-conta no desenvolvimento da criatividade e da autonomia*, Heloisa Juncklaus Preis Moraes e Fernanda Weisheimer discutem como a brincadeira e o estímulo à imaginação auxiliam as crianças no desenvolvimento da criatividade e autonomia, incentivando dessa forma o brincar como uma boa ferramenta de desenvolvimento infantil e colocando o imaginário como o grande mobilizador da ética da estética da/na infância.

Um excerto da tese de doutorado é apresentado por Iduína Mont'Alverne Braun Chaves e Flávia Ferreira de Castilho em *Imagens da Infância: O que docentes podem aprender a partir dos saberes compartilhados pelas crianças?* O texto buscou compreender os sentidos da Educação Infantil, refletindo não só sobre como formamos as crianças, mas como estas podem provocar alterações no fazer docente em uma experiência infantil ancorada nos contos de fadas.

A experiência poética da linguagem é defendida no artigo *Educação, infância e imaginação: o direito à narrativa ficcional*. No texto, Sandra Regina Simonis Richter e Talula Montiel Severo Trindade destacam o direito das crianças à ficção em sua função de densificar o vivido ao abrir e promover outras dimensões de realidade no ato de redescrevê-lo.

Partindo da compreensão do conceito de criança como sujeito social e histórico, produtor e produzido na cultura, Luciane Pandini Simiano, Elaine Maria da Silva dos Santos e Ana Paula Galdino apresentam o artigo Narrativas da/na infância: a criança e sua potência em Walter Benjamin. No texto, as autoras buscam sublinhar a criança enquanto potência, sujeito único, criadora de cultura, colecionadora, rastreadora, inventiva e transformadora, contribuindo, assim, para a construção de um outro olhar para a criança e a infância.

A criança e a narrativa: a operação de referência no universo da “imaginação criadora” trata das referências constituídas na narrativa de uma criança de três anos de idade, durante o período de pandemia de Covid-19, e sua relação com o princípio da “imaginação criadora”. No centro da questão, Marlete Sandra Diedrich, Ana Carolina Boldori e Gabriela Golembieski trazem o poder simbólico da linguagem para discutir o papel das narrativas na constituição da criança falante, sob o olhar da perspectiva aquisicional enunciativa.

Contrapondo-se à concepção de currículo prescritivo na educação infantil, o manuscrito Currículo Narrativo: outro modo de pensar o encontro com bebês e crianças na escola da infância, de Claines Kremer e Maria Carmen Silveira Barbosa, defende uma abordagem curricular sustentada na narrativa como alternativa para pensar o encontro com bebês e crianças em instituições educativas. No texto as autoras ressaltam que a abordagem que considera a dimensão narrativa do currículo, possibilita reconhecer o ser humano, desde a tenra infância, como um escutador de histórias, como um contador; por isso, abre espaços para imaginação de narrativas e invenções de conhecimentos e de criação de si, continuamente. Fato que contribui significativamente para que os encontros coletivos transbordem histórias.

Por fim, o texto de Adilson De Angelo e Diogo Monteiro Maria intitulado Imagens de infâncias e seus atravessamentos na produção de Manoel de Barros e Manuel Sarmiento, propõe uma interlocução entre os estudos das infâncias e a linguagem poética. Os autores com base nas obras de Manoel de Barros e Manuel Sarmiento, e nas possibilidades de diálogo entre eles, defende a contribuição da poesia na construção de um campo de conhecimento que rompa com ideias padronizadas sobre as infâncias, permitindo a emergência de imagens alternativas das crianças, para além de nossas concepções adultocêntricas.

Esse rol de textos riquíssimos é uma oportunidade para refletirmos sobre as imagens e narrativas da/na infância em suas mais variadas possibilidades. Agradecemos a todos os autores que apostaram conosco nesse dossiê, fortalecendo a parceria entre a linguagem e a educação e todas as suas potencialidades de aproximações. Incentivamos os leitores a se envolverem com os textos e a compartilhar suas reflexões, potencializando as pesquisas sobre a infância e todas as seus potenciais e desafios.

Heloisa Juncklaus Preis Moraes - Editora
Luciane Pandini Simiano
Organizadoras do Dossiê